

SLICE OF LIFE

Eu também quero sonhar com lírios!

MooLucio

6 capítulos publicados

Novelliste — <https://novelliste.com>

<https://novelliste.com/novel/NE4XPK0>

Novelliste

Eu também quero sonhar com lírios!

por *MooLucio*

© 2026 MooLucio

Todos os direitos reservados.

*Esta obra foi disponibilizada pela plataforma Novelliste (<https://novelliste.com>).
É proibida a reprodução, distribuição ou comercialização sem autorização expressa
do(a) autor(a). Uso exclusivo para leitura pessoal.*

ÍNDICE DE CAPÍTULOS

01. Azul é a cor mais quente

02. Surpresa!

03. O peso de uma promessa quebrada

04. Mais uma tentativa

05. O sexto sentido

06. Primeiro passo

Azul é a cor mais quente

4.528 palavras • 19 min de leitura

O sol ainda nem tinha nascido direito.

A luz da manhã escorria devagar pelas paredes do apartamento, entrando sem pedir licença pelas janelas abertas. Uma delas dava direto no quarto de Yuri.

Mas não foi a luz que o acordou.

Ele já estava acordado.

Há um bom tempo.

Talvez por teimosia.

Ou talvez por esperança.

Era o primeiro dia das férias de verão — as últimas antes de terminar a faculdade. No criado-mudo, o relógio marcava 4:00 da manhã.

Só isso já dizia tudo.

Na noite anterior, ele tinha tido seu último sonho.

"Não devia ficar chateado", pensou Yuri, sentando-se na cama.

"Não é como se eu estivesse esperando um milagre".

Ele repetiu isso em voz baixa, quase por hábito, enquanto se vestia e arrumava as poucas coisas que levaria. Não queria deixar a frustração tomar conta — ainda mais hoje, quando teria que lidar com gente o dia inteiro.

— Boa viagem, Yuri!

A voz veio assim que ele saiu do prédio.

O seu Jair estava lá, como sempre, apoiado na vassoura, com aquele sorriso simples e sincero. Provavelmente se preparando para varrer as folhas antes da rua encher de movimento.

— Obrigado, seu Jair — respondeu Yuri. — Quando eu voltar, trago uma lembrancinha pro senhor.

Eles apertaram as mãos.

Forte.

Familiar.

E, de algum jeito... não soou forçado.

Isso o pegou de surpresa.

Ele não devia estar mais triste do que isso?

Mas, naquele momento, desistir parecia estranhamente confortável.

Talvez o que mais tivesse doído não fosse o fracasso...

Mas o tempo que ele passou insistindo.

— Eu realmente tentei realizar pelo menos um daqueles sonhos... — murmurou, só para si.

Dentro do Uber, a cidade deslizava em silêncio pela janela. Yuri repassava os últimos seis meses na cabeça, de novo e de novo. Tentando se justificar. Tentando se convencer. Tentando se perdoar.

Mesmo no terminal rodoviário, com a música estourando nos fones, ele ainda repetia os mesmos pensamentos, como um mantra.

Mas quando o ônibus finalmente encostou no portão de embarque, Yuri já tinha dito tudo o que precisava ouvir.

Antes de subir, ele parou.

Respirou fundo.

Como um ritual, precisava aceitar.

Precisava deixar isso pra trás.

— Mas eu falhei... — sussurrou.

— Falhei em todos eles.

A paisagem começou a mudar aos poucos.

E, com ela, algo apertou de leve o peito dele.

"Bem-vindo a Icugimirê."

A placa passou rápido. Depois dela, surgiram as encostas... e então o azul profundo do mar. A luz do sol invadiu o ônibus, fazendo Yuri semicerrar os olhos.

Quando a visão se ajustou, o horizonte se abriu diante dele.

O oceano se estendia sem fim.

De volta ao lugar onde ele tinha crescido.

Sua cidade natal.

Pouco depois, ainda perto da entrada da cidade, outra placa apareceu.

Uma que ele conhecia bem.

"Pico-do-Sol Eco Resort."

O resort dos pais dele.

Onde nasceu e cresceu.

Yuri já tinha avisado o motorista para parar ali. Desceu do ônibus carregando só uma mala.

O resto das coisas já estava lá.

Sempre estiveram.

Ele ficou parado em frente ao portão por alguns segundos.

Sua mente ficou em branco.

Uma sensação estranha tomou o peito dele. Não era tristeza. Nem felicidade.

Algo entre nostalgia e inquietação.

Um sentimento sem nome.

— Olha só quem resolveu aparecer!

A voz veio de dentro do resort, puxando Yuri de volta à realidade. Uma voz familiar.

Um garoto se aproximou usando o uniforme do resort aberto sobre uma camiseta da BYE-B. Piercings prateados brilhavam nas orelhas. Os olhos eram verdes.

Ele parecia mais alto.

Mas Yuri reconheceria aquela cara de pilantra em qualquer lugar.

— Felipe!

O aperto de mão virou abraço em segundos. A melancolia leve que Yuri carregava se dissolveu ali mesmo.

Felipe trabalhava no resort desde antes de Yuri ir pra faculdade. Agora, era praticamente o braço direito dos pais dele.

— Primeira vez que eu vejo o filho do dono chegando junto com os funcionários — brincou Felipe.

— Claro — Yuri respondeu. — Não sou maluco o suficiente pra te deixar cuidar disso sozinho. A gente ia falir em uma semana.

— Ainda bem — Felipe riu. — Por um segundo, achei que você tava tentando me sabotar. Foi você que convenceu seus pais a tirarem férias, né?

Só de lembrar o quanto insistiu, Yuri soltou um suspiro discreto.

— Com muito esforço. Só queria que eles não tivessem decidido tudo em cima da hora.

— Parabéns, hein? — Felipe riu alto, tirando um crachá do bolso. — Ferrou nós dois! É começo de temporada, então os primeiros dias vão ser uma loucura.

Ele entregou o crachá a Yuri.

Abaixo do logo do resort, só o nome dele.

Sem cargo.

— Usa isso pelos próximos quinze dias, ou os hóspedes vão te confundir com um turista — disse Felipe, pegando a mala. — Vou ajudar o Digão com os passeios hoje. Você fica no check-in. Ainda lembra como faz, né?

Yuri assentiu de leve.

Lembrava.

Era mais ou menos o que ele esperava.

Na verdade... era exatamente o que queria.

Algo movimentado.

Algo simples.

Perfeito para manter a cabeça ocupada.

No fundo, Yuri sempre gostou do caos do início da temporada. Afinal, ajudava na recepção desde os dezesseis.

— Já vou indo — disse Felipe, indo em direção à casa principal. — Vou deixar sua mala na casa dos seus pais. Boa sorte na recepção!

Como a decisão já tinha sido tomada por ele, Yuri seguiu direto para recepção.

Enquanto caminhava pela trilha emoldurada por árvores, a mudança no clima era clara. O ar parecia mais leve. A brisa do mar se misturava com o som das folhas balançando acima dele.

Então—

Passos.

Passos correndo.

O cascalho rangia atrás dele, cada vez mais perto.

— Adivinha quem é!

De repente, mãos cobriram seus olhos por trás. Yuri nem se assustou.

Ele reconhecia aquela voz.

Mesmo sem conseguir lembrar de quem era.

— Hã? Quem é? — perguntou, confuso.

— Você não entende o conceito de "adivinhar", não? — a voz respondeu na hora.

Yuri forçou a memória. Onde já tinha ouvido aquela voz?

Talvez fosse sua prima, Valéria. Ela estava sempre no resort quando ele ainda morava ali.

— Ah, sei lá! Como eu vou saber? É a Val?

— Nossa. Você esqueceu mesmo da minha voz? — a pessoa reclamou. — Você é um péssimo adivinhador.

As mãos se afastaram devagar. Quem quer que fosse, percebeu que não ia funcionar.

Yuri se virou.

Quando os olhos se acostumaram com a claridade, a primeira coisa que viu foram cabelos longos e brilhantes, azul-claro como o céu. Contrastavam com a pele morena. Estavam presos num coque alto, segurado por um scrunchie verde.

Pela segunda vez naquele dia—

Era um rosto que ele reconheceria em qualquer lugar.

O que fazia sentido.

Afinal, aquela era sua cidade natal.

— Ana?

— Tadaaa! — ela abriu os braços, fazendo uma pose exagerada, com um sorriso enorme.

Quatro anos tinham passado desde a última vez que Yuri e Ana se viram pessoalmente. Um ano mais velha, ela tinha se mudado para a capital para estudar estética antes mesmo de ele terminar o ensino médio.

— Finalmente — ela provocou. — Já tava achando que você não ia me reconhecer.

— Bom... o cabelo azul é novidade — Yuri respondeu.

Não só a cor, mas o comprimento.

Durante todo o fundamental e o ensino médio, havia algo que nunca mudava nela.

Seu cabelo curto e preto.

— Maneiro, né? — ela disse, toda orgulhosa. — Venho pintando desde o ano passado.

Dava pra ver que ela gostava do novo visual.

E, mesmo sendo bem diferente do que ele lembrava, não ficava estranho.

Na verdade... combinava com ela.

— E olha isso! — ela apontou animada pro logo do resort bordado no jaleco. — Também comecei a trabalhar aqui como massagista no ano passado, logo depois de me formar! Agora somos colegas de trabalho.

Mas o que chamou a atenção de Yuri não foi o logo.

Foi a cicatriz.

Logo acima da gola, em forma de cruz.

Uma cicatriz que ele conhecia bem.

Imediatamente, memórias da infância vieram à tona.

— Ei, meus olhos ficam aqui em cima, sabia? — Ana brincou.

O pânico veio antes do pensamento.

Yuri percebeu tarde demais pra onde estava olhando esse tempo todo.

— O quê?! Não! Eu só tava olhando pro seu... quer dizer... a marca! No seu peito!

Ana riu alto, obviamente apenas zombando de Yuri. Ela se esforçava para se acalmar enquanto as lágrimas escorriam de tanto rir.

— Eu sei, eu sei. Relaxa! — disse, colocando a mão no ombro dele. — É a cicatriz, né?

Yuri finalmente relaxou.

— Me ofereci pra participar de um estudo sobre uma nova técnica de transplante há pouco mais de um ano — explicou ela, apontando para o centro da cicatriz. — A recuperação foi longa, mas agora...

Ela sorriu, orgulhosa.

— ...estou oficialmente curada.

Desde que nasceu, Ana conviveu com uma cardiopatia congênita grave.

Era assim que Yuri sempre se lembrava dela.

Ouvindo isso, a surpresa se manifestou primeiro, e o pensamento surgiu apenas em terceiro lugar, desta vez.

Antes dele—

Algo muito mais leve.

Como se o ar finalmente tivesse voltado pros pulmões dele.

— Ana... finalmente... — ele murmurou, com um sorriso largo se abrindo sem perceber.

Ana percebeu.

Viu o sorriso dele.

E soube que aquele era o momento perfeito para continuar as boas notícias.

— E o melhor de tudo... — ela disse, animada. — Agora eu posso ter minha própria lista de sonhos!

Mas a simples menção a uma lista de sonhos fez o sorriso de Yuri vacilar.

Quando criança, Yuri tinha uma lista enorme de tudo o que queria ser quando crescesse.

Hoje, ele só conseguia enxergar como uma lista de fracassos.

Inventor.

Pintor.

Astronauta.

Cantor.

Diretor de cinema.

Professor.

Bombeiro.

Escritor.

Piloto.

Esses eram apenas alguns dos sonhos que já tinham passado por aquela lista. Sem contar as coisas que ele queria ter, os lugares que sonhava conhecer, e tudo o que planejava fazer um dia.

— Quantos itens da sua você já conseguiu realizar? — perguntou Ana, empolgada, sem perceber a mudança no rosto dele.

— Ah... na verdade... — Yuri hesitou por um instante.

— Eu só... — ele procurou a palavra certa.

Mas a realidade escapou antes que ele a encontrasse.

— Eu desisti.

A expressão de Ana ficou confusa.

— Ué, mas por quê?

A confusão no rosto dela fez Yuri lembrar imediatamente do motivo pelo qual Ana conhecia tão bem sua lista de sonhos.

No primário, os dois já eram muito próximos.

Ela sempre ficava por perto enquanto ele escrevia a lista.

Observava em silêncio.

Ouvia com atenção enquanto ele explicava, cheio de empolgação, como pretendia realizar cada um daqueles sonhos.

E estava sempre junto quando Yuri brincava de faz de conta.

Ele nunca a deixava de fora.

Sempre a incluía enquanto encenavam aqueles futuros imaginários.

— Yuri! Quantas vezes mais eu vou ter que repetir isso? — essa frase quase sempre interrompia as brincadeiras. — A Aninha tá doente. Você não pode ficar arrastando ela pra lá e pra cá!

Era o que alguém sempre dizia.

Um professor.

Ou algum outro adulto.

E junto da frase, vinha a cena que Yuri também lembrava muito bem.

Por causa do problema cardíaco, Ana quase sempre ficava abatida.

Mesmo quando parecia se divertir, logo ficava ofegante.

Com dores no peito.

Pálida.

Ainda assim...

Ela parecia mais feliz ali, participando, do que quando era deixada de fora.

Pelo menos naquela época.

— Já passou da hora de você crescer e ser um pouquinho mais responsável, não acha? — era essa a frase que mais ecoava na memória de Yuri.

E talvez...

Talvez aquela pessoa estivesse certa.

Essa foi uma das razões pelas quais Yuri decidiu deixar seus sonhos para trás e focar na realidade.

Agora, ele acreditava que o tempo para tudo aquilo já tinha passado.

— Eu... cresci — Yuri respondeu, olhando para Ana.

Com a resposta, mesmo sendo exatamente o que ele queria dizer, Yuri não conseguiu esconder a própria decepção.

Ana percebeu.

E Yuri também percebeu.

Mas, enquanto ele se preparava para mais perguntas — daquelas que ele definitivamente não queria responder —, o tom de Ana quebrou completamente essa expectativa.

— Você? Cresceu? — ela perguntou, com uma expressão de deboche exagerada.

— ...Sim? — Yuri respondeu, confuso, tentando entender onde ela queria chegar.

— Ui, olha ele, todo crescido! — disse Ana, imitando uma criança. Juntou as mãos, fechou os olhos e fez um biquinho dramático. — Daqui a pouco já vai estar casado, cheio de filhinhos, né?

"Casado."

Só essa palavra já puxou Yuri para outras lembranças.

Mais recentes.

Caminhando pelos corredores do campus.

Olhos verdes.

Cabelo castanho.

Brincos de argola dourados.

Era isso que a simples menção de casamento trazia à mente dele.

Mas Yuri tratou de espantar aquela lembrança quase imediatamente.

Agora, aquilo também devia ser só mais um dos sonhos que ele precisava deixar para trás.

E, mesmo que ele estivesse prestes a se perder nesse pensamento, seria interrompido de qualquer jeito.

Um toque musical repetitivo veio do bolso do jaleco de Ana.

O celular.

Ela o tirou, desligou o som — um alarme — e encarou a tela por um instante.

— Puts... vamos ter que adiar esse papo de vida adulta — ela disse, já guardando o celular de volta no bolso. — Já tenho alguns clientes indo pro spa agora.

Ela se virou, já acenando para Yuri com um sorriso.

— A gente se fala depois, beleza? E... bom te ver de novo, Yuri!

Ana seguiu em direção ao spa, deixando Yuri sozinho mais uma vez.

Ele a observou enquanto ela corria, cheia de energia.

— É bom te ver bem também, Ana... — murmurou para si mesmo, com um sorriso aliviado.

Só então, finalmente, seguiu para a recepção.

Já eram sete da noite.

— Boa noite. Tenham uma ótima estadia! — Yuri se despediu dos últimos hóspedes após o check-in.

Como aquele tinha sido o último atendimento do dia, ele decidiu fechar a recepção e seguir para a casa dos pais.

Desfazer a mala.

Tomar um banho.

Arrumar o quarto para os dias que viriam.

Era o plano.

— Droga de caixas... fiquem aí! — a voz veio do estacionamento.

Yuri olhou na direção do som.

Era Ana, reclamando sozinha enquanto tentava equilibrar três caixas de chá na garupa de uma scooter elétrica.

No caminho, Yuri se aproximou de Ana e a cumprimentou de forma casual.

— E aí, Ana. Boa noite.

Ela se virou devagar.

— ...tá tudo certo? — Yuri perguntou, com cuidado.

O olhar que ela lançou na direção dele era assustador.

Carrancudo.

Cheio de ódio acumulado.

— Eu vou tocar fogo nessa porcaria! — ela disparou, sem nenhum filtro.

Já fazia um bom tempo que ela estava brigando com aquelas caixas.

— Se essas caixas de merda não ficarem no lugar... — Ana continuou resmungando.

— Só isso? — a falta de seriedade da situação chegava a ser engraçada.

— ...Quer ajuda? — ele completou, ainda com uma expressão meio cansada.

— Sério? Quero! Obrigada! — ela respondeu na hora.

A mudança foi instantânea.

De rabugenta para fofa.

Como uma criança birrenta que acabou de conseguir exatamente o que queria.

No fundo, Yuri se divertiu com o comportamento bobo de Ana.

Parecia um bom sinal. Um jeito estranho, mas sincero, de reacender a velha amizade.

Ela empilhou as três caixas, uma sobre a outra.

— Preciso levar isso lá pro centrinho — disse, enquanto colocava tudo nos braços de Yuri.

Ana subiu na scooter e deu a partida.

Yuri ficou observando.

E assim que entendeu o que ela estava sugerindo, quase se arrependeu de ter oferecido ajuda.

— Sobe na garupa. De costas pra mim — ela disse, com a maior naturalidade. — Rapidinho a gente chega lá.

Mesmo preocupado, Yuri fez exatamente como ela pediu, sentando na garupa, costas com costas com Ana.

Antes que tivesse tempo de se preparar, Ana arrancou com a scooter em direção ao portão do resort. Fez uma curva fechada e entrou direto na rodovia, seguindo para a cidade.

A velocidade era muito maior do que a que Yuri esperava.

Ele lutava contra cada curva que Ana fazia, tentando ao mesmo tempo se manter na scooter e impedir que as caixas escorregassem do seu colo.

— Devagar! — ele gritou, pedindo pra ela reduzir.

Mas Ana não se importou.

Pelo contrário.

Ela parecia estar se divertindo.

— Segura firme! — ela respondeu, acelerando ainda mais.

— Me segurar em quê, Ana?! Nas caixas?! — Yuri rebateu, quase perdendo o equilíbrio.

— Na mão de Deus! — Ana respondeu, gargalhando.

A scooter atravessou a ponte que levava ao centrinho, onde os turistas costumavam passar as noites de férias depois de longos dias de praia.

Depois de seguir com um pouco mais de cuidado por ruas menos movimentadas, Ana parou a scooter em frente a um terreno espremido entre uma mercearia fechada e uma casa de esquina.

Assim que ela estacionou por completo, Yuri praticamente saltou da garupa.

— Eu... eu devia processar quem inventou essa droga de scooter!

Ana continuou rindo enquanto descia e abria o pequeno baú na frente do guidão, tirando um molho de chaves de dentro.

— Qual é, relaxa — disse ela, caminhando até um portão improvisado, feito de telhas de aço galvanizado. — Um pouco de adrenalina faz bem pro coração.

Ainda meio irritado, Yuri olhou ao redor. E, aos poucos, o incômodo foi dando lugar à curiosidade.

— Tá... e onde exatamente a gente tá? — ele se aproximou de Ana, que acabava de destrancar o portão. — E o que tem nessas caixas?

— Já falei — Ana respondeu, empurrando o portão. Não abriu tudo, só o suficiente pra passarem. — Merda.

— ...Hã?

— Adubo — ela completou, entrando. — Traz pra mim, por favor.

Yuri entrou logo atrás dela, carregando as caixas.

— E pra que você precisa de adu—

A pergunta morreu no meio do caminho.

Assim que ele atravessou o portão o suficiente para enxergar o interior do terreno.

No fundo do terreno, para onde Ana caminhava, um pequeno galpão improvisado ocupava o canto esquerdo.

No centro, ao lado dele, havia uma mesa simples. Sobre ela, alguns vasos de barro vazios empilhados, ao lado de ramos com botões ainda fechados. Abaixo, caixas de madeira guardam pequenos copinhos plásticos — daqueles de café — cheios de terra, de onde despontavam folhas tímidas.

E, à direita, alguns ramos pequenos e médios brotavam direto do chão, em uma área delimitada por estacas fincadas na terra.

— Bem-vindo ao jardim dos meus sonhos — Ana disse a Yuri. — Pode colocar as caixas na mesa.

Yuri caminhou quase no automático, seguindo na mesma direção que ela.

— Jardim?

Ele a alcançou e colocou as três caixas sobre a mesa, como ela havia pedido.

— Em progresso — Ana respondeu, dando de ombros. — O terreno é da minha vó. Mas ela me deixou usar por enquanto.

Na mesa, Ana abriu uma das caixas e tirou de dentro um saco de solo misturado com adubo.

Com uma pá pequena, ela rasgou o saco e começou a preencher um dos vasos vazios com a terra.

— Mas, quando eu puder, quero comprar ele e usar como jardim oficial pra minha floricultura.

Ouvindo isso, uma lembrança da infância surgiu na hora na cabeça de Yuri.

Uma que ele tinha certeza que não estava confundindo.

— Espera... — ele disse, franzindo a testa. — Você não odiava flores quando a gente era pequeno?

— Na verdade... não — Ana respondeu, mais contida. O tom dela ficou suave, quase frágil. — Eu odiava amar flores.

Ela continuou mexendo na terra enquanto falava.

— Quando eu era criança, passava muito tempo em hospitais. E sempre que eu ficava internada, as pessoas me levavam flores.

Yuri ouviu em silêncio, tentando acompanhar o que ela queria dizer.

— Com o tempo, não demorou muito pra eu ligar os pontos... — o tom dela ficou mais baixo, mais melancólico.

Ana fez uma breve pausa.

— Na ala de pacientes graves, era comum eu acordar no meio da noite e ver a cama ao lado vazia. Só as flores ainda estavam lá, na cabeceira.

Ela engoliu em seco, mas continuou.

— Do corredor vinham soluços... choro... uma confusão rápida. E depois disso... silêncio.

— No fim, só as flores ficavam. Murchando aos poucos. Até outra pessoa ocupar aquele lugar.

— "Quanto tempo até eu deixar minhas flores pra trás?"

Era só nisso que eu pensava depois de um tempo. Mas, durante a cirurgia, alguma coisa mudou.

— Eu não sei se foi a anestesia ou outra coisa qualquer — ela continuou. — Mas naquele dia eu tive um sonho... ou talvez algo mais que um sonho.

— Eu estava em um jardim enorme, cercada de lírios brancos até onde a vista alcançava.

— Naquele momento, eu não sentia nenhum ressentimento. Eu estava feliz. Mais feliz do que nunca — ela sorriu de leve enquanto falava. — Tudo o que eu sentia era vontade de continuar feliz assim, pra sempre.

— Quando eu acordei, já estava no quarto da enfermaria — Ana disse, desviando finalmente o olhar do vaso e voltando a atenção para Yuri.

Ele continuava ali, em silêncio.

O que ele poderia dizer, afinal? Até poucos minutos atrás, Yuri nem fazia ideia de que Ana carregava sentimentos assim.

— ...E então, eu me lembrei de você.

O silêncio de Yuri ficou ainda mais evidente.

Ou talvez fosse exatamente o contrário — difícil dizer.

A expressão confusa dele logo deu lugar à surpresa.

Por que, em um momento como aquele, ela teria pensado justamente nele?

— Mesmo depois de os médicos dizerem que tinha dado tudo certo, ainda levou um tempo até eu realmente acreditar — disse Ana, segurando o vaso em que estava trabalhando. — Mas, quando eu finalmente me acostumei com a ideia... percebi que estava livre. Livre pra viver.

Com poucos passos, ela ficou frente a frente com Yuri.

— Eu finalmente podia ter meus próprios sonhos. Sem medo de eles serem interrompidos por intenações, ou... —

Mesmo sem dizer uma palavra há um bom tempo, tudo o que Ana falava desde que chegaram ao jardim parecia rasgar Yuri por dentro.

Ele sempre se preocupou com ela. Sempre.

Durante toda a infância e adolescência, Ana foi sua melhor amiga.

Então como ele nunca tinha pensado que ela pudesse se sentir assim?

Claro que ela teria sentimentos desse tipo.

Outro peso se acumulou dentro dele, se somando à visão negativa que tinha de si mesmo. A mesma que o fez desistir dos próprios sonhos.

"Como sempre..." — pensou.

" O mesmo egoísmo de sempre."

As luzes ao redor começaram a se alongar, virando estrelas borradas, conforme a visão de Yuri desfocava.

Lágrimas se juntavam nos olhos, surgindo sem que ele percebesse.

— Eu não sei exatamente o que aconteceu — Ana continuou. — Mas, se não fosse por você, eu nem saberia como...

Ela respirou fundo antes de completar:

— Foi você quem me ensinou a sonhar.

As lágrimas finalmente transbordaram dos olhos de Yuri.

As palavras de Ana não foram a única causa.

Foram o gatilho.

Como um anzol puxando de volta à superfície tudo o que ele tinha se esforçado tanto para enterrar nos últimos meses.

Tudo aquilo que culminava naquele dia.

— Então... eu quero que você cuide disso.

Ana falou enquanto pressionava com cuidado o vaso — com um pequeno botão recém-plantado — contra o peito de Yuri.

— Eu vou deixar essa parte do meu sonho com você — Ana disse, sorrindo de forma gentil, em contraste com os soluços de Yuri. — Até você conseguir sonhar os seus próprios sonhos de novo, você pode fazer parte do meu.

Yuri recebeu o vaso em suas mãos.

A visão dele já estava completamente embaçada pelas lágrimas.

Nenhuma palavra conseguia encontrar um caminho coerente até a sua boca.

Instintivamente, Yuri abraçou o vaso, como se aquilo o mantivesse preso a uma realidade um pouco mais suportável do que a que ele vinha carregando.

Mesmo pequeno, o vaso parecia grande em suas mãos.

Quase como se fosse o pequeno Yuri — aquele que escrevia listas de sonhos e brincava com Ana — quem o estivesse segurando.

— Obrigado, Ana... — foram as primeiras palavras que conseguiram sair.

O abraço ao vaso se tornou ainda mais apertado.

Mais trêmulo.

— Eu vou.

Ana deu espaço a Yuri e voltou ao que tinha ido fazer no jardim, sempre puxando conversa, pedindo ajuda aqui e ali, tentando animá-lo do jeito dela. Quarenta minutos depois, os dois já estavam novamente no portão do resort.

— Valeu pela ajuda, Yuri — Ana se despediu, já dando partida na scooter.— Até amanhã!

Yuri acenou, observando enquanto ela se afastava pela rodovia.

Mesmo com alguns hóspedes voltando para o resort depois de aproveitarem a noite na cidade, o silêncio ainda conseguia se impor.

Aos poucos, Yuri voltou a caminhar pela trilha cercada por árvores. Dessa vez, carregava nas mãos o vaso que Ana havia lhe dado.

Mas a caminhada tinha um gosto diferente.

Mais amargo.

Se pela manhã a decisão de desistir tinha parecido confortável, agora, depois do tempo com Ana, tudo soava errado.

Por que eu não conseguia simplesmente ficar feliz por ela?

Esse pensamento se repetia na mente dele.

Não era como se ele não estivesse feliz. Ele estava.

Mas, ao mesmo tempo, parecia que os seis meses em que se preparou para tomar aquela decisão tinham perdido completamente o sentido em menos de uma hora.

Era tão diferente de como ele se sentia naquela manhã.

Por que agora doía tanto?

Ele tinha certeza do que estava fazendo.

Não queria mais ser um peso para os pais.

Mas a conversa com Ana deixou algo claro.

Desistir tinha se tornado insuportavelmente desconfortável.

Já na casa dos pais, Yuri subiu as escadas até o segundo andar, onde ficava seu quarto. Nem mesmo conseguiu se apegar à sensação nostálgica que aquele lugar deveria trazer.

— Eu te invejo, Ana... — murmurou.

— Eu continuo sendo egoísta — disse para si mesmo, ao entrar no quarto.

A mala estava sobre a cama.

Os pôsteres ainda ocupavam as paredes.

Alguns brinquedos antigos continuavam acumulando poeira em cima do guarda-roupa.

Tudo aquilo só fazia o aperto dentro dele crescer.

Pela segunda vez naquele dia, seus olhos se encheram de lágrimas.

Yuri colocou o vaso sobre a cômoda. Ao encará-lo, a conversa com Ana voltou inteira à sua mente, pesando no corpo dele como algo impossível de ignorar.

Lágrimas silenciosas pingaram sobre o pequeno botão de lírio enquanto ele se apoiava na cômoda, curvado.

Sozinho, não fazia sentido tentar negar ou mentir.

— Eu queria ter o mesmo que você, Ana... — soluços cortaram a frase. — Eu também...

A voz falhou.

— Eu também quero sonhar com lírios.

Surpresa!

1.812 palavras • 8 min de leitura

O segundo dia de Yuri no resort foi tão agitado quanto o primeiro. — Mas de um jeito diferente.

Ele passou a maior parte do dia no centro da cidade resolvendo pendências.

Só agora, quase às 19h, ele finalmente conseguiu se sentar por alguns minutos.

Com esse tempo livre, Yuri usa o acesso ao sistema no computador da recepção para procurar o número da Ana.

— E... achei! — ele comemora, baixinho.

Ele salva o número no celular e manda uma mensagem.

"Oi, Ana. Aqui é o Yuri"

"Foi mal"

"Peguei seu número novo no sistema ?"

Depois de alguns segundos, ela responde.

"Oi"

"De boa ?"

"E aí?"

Yuri continua.

"Você ainda tá no spa?"

"Eu queria te entregar uma coisa"

Ana responde, mais rápido que antes.

"Tô sim"

"O que é?"

Yuri digita e apaga a mensagem algumas vezes, tentando achar uma forma menos vergonhosa de dizer aquilo, só para acabar voltando às primeiras palavras.

"Um presente, por ontem"

"Nada muito chique"

"Aaaawn" — ela responde quase na hora.

"Fofo"

"Vc tá na recepção, né? Tô indo aí"

Yuri começa a digitar a resposta, totalmente focado no celular.

"Eu posso ir aí no spa, se for mais fácil pra v—"

Mas ele é interrompido antes de terminar.

— Olá, boa noite. Eu gostaria de falar com o Yuri, ele está? — uma voz feminina chama do outro lado do balcão da recepção.

Um pouco apressado, e sem graça por estar tão distraído, Yuri guarda o celular rapidamente.

— Ah... desculpa. Boa noite! — ele se levanta, virando-se para a hóspede.

— Eu sou o Yuri, em que posso—

Ele se interrompe no meio da frase ao reconhecê-la de imediato. — Hã?

Olhos verdes. Cabelo castanho. Brincos de argola dourados.

Exatamente como ele a via andando pelos corredores do campus nos últimos três anos.

— Surpresa! — ela exclama com um sorriso enorme, rindo por ter conseguido pegá-lo desprevenido.

— O que você tá fazendo aqui, Emili? — ele pergunta, genuinamente confuso.

— Eu não te contei que o grupo de teatro e eu íamos apresentar "Um Conto de Natal" numa cidadezinha, a pedido da prefeitura? — ela responde com outra pergunta.

Tudo finalmente se encaixa para Yuri.

— E é AQUI?! — ele enfatiza.

— É. — ela confirma, cruzando os braços sobre o balcão. — Como você tinha comentado que seus pais têm um resort aqui, eu resolvi dar uma olhada.

Yuri se lembra de ter mencionado o resort de forma casual em algumas conversas ao longo dos anos.

— Ué? — ela pergunta, analisando o rosto dele. — Tava torcendo pra ter um descanso da sua melhor amiga, é? — provoca.

— O quê? Não! — ele sorri. — Você só me pegou de surpresa, só isso.

O sorriso dele cresce agora que o clima estranho inicial começa a se dissipar.

— Você tá fazendo check-in agora? — ele pergunta.

— Não. Eu fiz de manhã, com aquele cara do cabelo ondulado. — ela descreve o Felipe, que estava cuidando dos check-ins mais cedo. — Eu perguntei de você, e ele disse que você tinha saído pra resolver umas coisas.

O vestido leve de Emili quase não dá conta de conter seus peitos quando ela se inclina desleixada sobre o balcão, animada e sorrindo.

— Então eu voltei agora pra te convidar. — ela diz, enquanto Yuri tenta ao máximo não olhar para o decote dela. — Vamos na abertura do festival de Natal hoje à noite?

— Hã? O festival já começa hoje? — mesmo sendo da cidade, ele tinha esquecido completamente.

— Começa sim. Eles vão acender as luzes e vai ter apresentações ao vivo também — ela explica, com a voz cheia de expectativa. — E aí?

Ela o encara, esperando a resposta. Mas o rosto de Yuri mostra uma preocupação maior do que ela imaginava.

— Bom... só se você não estiver ocupado com o trabalho. — ela acrescenta, tentando suavizar o clima.

— ... Desculpa. Ainda tem gente do turno da tarde trabalhando. — ele explica, com um sorriso meio forçado. — Eu tenho que ficar aqui pelo menos até eles baterem o ponto. Caso algum deles precise de ajuda em alguma coisa.

— Não, quer dizer... tudo bem. Eu esqueci disso. — ela também força um sorriso.

Tentando aliviar a situação, Yuri mantém a conversa.

— Por que você não vai na frente? Eu vou ver com o pessoal se eles precisam de alguma coisa.

Enquanto ele fala, o rosto de Emili relaxa, percebendo que ele não está inventando uma desculpa.

Yuri nunca foi esse tipo de cara. Mas, nos últimos seis meses, ela vinha sentindo ele cada vez mais distante.

Ela tinha suas teorias — afinal, era a melhor amiga dele há três anos. Mesmo assim, como ele nunca falou abertamente sobre isso, ela andava pisando em ovos.

— Se não precisarem, eu só tomo um banho rápido e te encontro no centro. O que acha? — Yuri sugere.

— Combinado! — ela sorri, dando alguns passos para trás em direção à porta da recepção. — Me manda mensagem se der certo, tá? Eu te espero lá.

Ela sai, acenando para Yuri.

"O que tá acontecendo com ele ultimamente?", pensa Emili, seguindo atrás de outros hóspedes em direção à entrada do resort.

Na recepção, Yuri enterra o rosto nos braços cruzados sobre o balcão e solta um suspiro frustrado.

— E agora isso? — ele murmura para si mesmo.

— Deve ser alguma conspiração do universo pra me ferrar.

— Que *resmungueira* toda é essa, pegador? — uma voz feminina surge atrás dele.

Não tinha como confundir quem era.

— Oi... Ana — ele responde, ainda com o rosto apoiado nos braços.

— Mal chegou e já tá cheio de esqueminhas, hein? Quem era aquela gatinha? Alguma crush? Ela parecia te conhecer bem! — Ana dispara as perguntas, num tom claramente provocador.

— O-o quê? Não! Quem? Ela? Ah... ela é só uma amiga da faculdade. — ele gagueja, em pânico, tentando disfarçar o quanto ela acertou em cheio.

"Como é que ela percebeu tão rápido? Não pode ser tão óbvio assim!", ele pensa, tentando se recompor.

Ana observa a tentativa patética de explicação com uma expressão neutra.

— Aham. Claro! Super convincente e sutil. — ela cai na gargalhada bem na cara dele.

O rosto de Yuri fica vermelho como um tomate enquanto ele fica ali, emburrado, derrotado.

— Enfim, cadê meu presente? — ainda rindo, Ana muda de assunto com pena de Yuri.

— A-aqui. — ele pega uma caixinha branca com um laço azul de uma das gavetas do balcão e entrega pra ela, ainda evitando olhar nos olhos dela.

O rosto de Ana muda na hora para um sorriso suave.

De olhos fechados, ela aperta a caixinha contra a bochecha, segurando com as duas mãos.

— Obrigada! — ela diz, com um tom genuinamente feliz.

Vendo isso, Yuri relaxa e sorri de volta.

— Não é nada demais. — ele diz, educado. — É por ontem, mas também... — ele faz uma pausa.

— Hm? — Ana abre os olhos, ainda segurando a caixinha perto do rosto.

— Pra comemorar. — ele continua. — Eu não consegui dizer direito ontem, mas eu fiquei muito feliz de saber que você tá melhor agora.

A surpresa dura só um instante, dando lugar ao sorriso amigável de Ana.

— Então foi por isso que você chorou? — ela provoca.

— Sim... — ela mesma responde. — Claro que foi!

Ela sabia que não era esse o verdadeiro motivo das lágrimas da noite anterior, mas não via por que trazer isso à tona.

Por um breve momento, o silêncio preenche o espaço entre os dois.

— Pra ser sincera — Ana começa, com a voz mais vulnerável. — Eu fiquei um pouco com medo de falar com você depois de tanto tempo.

Ela brinca com o laço do presente enquanto fala.

— Medo de a gente se sentir como estranhos, ou algo assim. — ela aperta a caixinha contra o peito. — Fico feliz em saber que ainda importa pra você.

Os dois sorriem, e naquele silêncio, eles enxergam as crianças que foram um dia, quando eram inseparáveis.

— Não quero estragar a surpresa, então vou abrir depois, quando eu for pra casa, tá? — Ana aponta para a caixinha.

Algo soa estranho para Yuri.

— "Ir" pra casa? — ele pergunta. — O spa já não fechou?

— Fechou. — Ana responde, colocando o presente sobre o balcão e se recostando na parede. — Mas eu tô esperando a secadora terminar de secar uns lençóis e toalhas.

De vez em quando, Ana fica até mais tarde para terminar a limpeza e organização do spa antes de ir embora. Para ela, isso nunca foi um problema, já que costuma usar o tempo de espera para aproveitar a sauna ou a piscina.

— É bem melhor do que acordar ainda mais cedo pra fazer um monte de tarefas antes dos clientes chegarem. — ela diz, bocejando e alongando o pescoço. — Eu não sou nada matinal!

O rangido agudo do banco alto da recepção assusta Ana quando Yuri se levanta de repente, com o rosto sério.

— Eu faço! — ele exclama, olhando nos olhos dela.

Por um instante, Ana só encara, confusa.

— ... O quê? — ela pergunta.

— Eu organizo o spa. — ele repete, com um tom urgente. — Assim você não precisa ficar até tarde, né?

— Tá tudo bem, não precisa. — Ana tenta aliviar. — Eu faço isso quase toda semana.

— Por favor. — Yuri insiste.

A determinação dele em ajudar com algo tão simples só deixa Ana ainda mais sem entender.

— Você ao menos sabe onde guardar os lençóis depois que saírem da secadora?

— Não... — ele admite. — Você pode me mostrar?

— Tem certeza? — ela cruza os braços, analisando a teimosia dele. — Sua crush não tinha te chamado pra sair com ela?

— Eu sei. — ele responde. — Mas eu prometi pros meus pais que ia cuidar do resort enquanto eles estão fora.

A expressão de Ana suaviza, como se finalmente entendesse parte do peso que vem carregando.

— Isso é minha prioridade agora. — ele diz, firme.

Ana suspira e solta uma risadinha, afastando a franja do rosto.

— Tá bom, senhor teimoso. Se você insiste. — ela sorri.

Yuri retribui o sorriso, aliviado.

— Eu aceito a companhia com prazer. — Ana completa, com um sorriso ainda maior.

Mais tarde naquela noite, Emili está sentada numa mesa na calçada, cercada de turistas assistindo a um show de samba ao vivo.

Sobre a mesa, uma caneca de cerveja pela metade e o celular, que ela acende com um toque.

"20:03 — 19/12"

É a única coisa na tela. Nenhuma mensagem nova.

"Ele deve ter ficado preso no trabalho", ela pensa, soltando um suspiro frustrado.

Ela apoia o cotovelo na mesa, o rosto na mão, os olhos fixos no celular.

"Mas eu não consigo deixar de pensar... será que ele ainda se culpa por aquele acidente?"

O peso de uma promessa quebrada

2.268 palavras • 10 min de leitura

Era por volta de junho.

Naquela noite, logo após chegar da faculdade, meu celular vibrou no bolso. O nome da minha mãe iluminou a tela.

— Oi, mãe — eu disse, colocando no viva-voz enquanto tirava os sapatos.

— Oi, filho — ela respondeu, com aquela voz calorosa e familiar de sempre. — Como estão indo as férias?

— Não diria que estão sendo relaxantes. Mas vou sobreviver.

— Não vá se esforçar muito, hein? — disse ela. — Você vai conseguir vir visitar?

Hesitei, encarando o corredor silencioso do meu apartamento.

— Acho que não, mãe.

— Que maldade! — ela exclamou, claramente fingindo indignação. — Você prometeu!

— Eu sei. Mas eu te falei que ia fazer aquelas aulas de música, lembra? — argumentei. — As férias são o único momento que tenho para correr atrás dessas coisas.

Desde o meu primeiro ano na faculdade, eu preenchia todas as férias com cursos, e aulas sobre qualquer tema que me interessasse. Eu ainda visitava meus pais, é claro — mas só nos feriados prolongados.

— Eu sei, eu sei — disse ela, o tom de voz suavizando. — Mas não consegue vir nem por um fim de semana em julho?

— Vou tentar. Vou dar um jeito.

— É bom mesmo. Seu pai e eu estamos com saudade.

Por um momento, a voz dela perdeu o tom brincalhão.

— Também estou com saudade. Como está o pai?

— Do mesmo jeito de sempre quando começa a temporada de férias.

Os primeiros dias da temporada, mesmo no inverno, costumavam ser bem pesados para todos nós.

— Um pouco mais cansado que o normal, já que ele ainda não se acostumou com "certo alguém" dando o cano nele desde o ano passado — ela provocou.

Eu já sabia que seria assim. No início de cada temporada, eu costumava ajudá-los com os afazeres ou ficava na recepção enquanto eles resolviam outras pendências. Mas agora, como eu não estava lá, imaginei que estivessem sobrecarregados. O único motivo de eu me sentir confortável em ficar longe era que eles mesmos tinham sugerido que eu aproveitasse as férias para focar nos meus interesses.

— É... Foi mal.

Mesmo assim, eu ainda me sentia culpado. Mas, antes que pudéssemos continuar a conversa, um bipe ecoou no telefone.

— Ah, é o seu pai. Preciso desligar. Beijo!

Com isso, ela desligou para atender a chamada dele. Deixado no silêncio repentino, eu me forcei a levantar da cama e fui para o banho. Depois, improvisei qualquer coisa para o jantar e coloquei um filme aleatório. Era um mau hábito meu — algo que eu fazia sempre que não estava com cabeça para estudar ou ser produtivo— e que sempre me deixava com aquele sentimento de arrependimento depois.

Foi só mais tarde, quando o filme acabou, que lembrei de checar o celular. Havia cinco chamadas perdidas da minha mãe. Era comum ela esquecer as coisas e ligar várias vezes, então, na hora, não dei muita importância. Ainda assim, achei melhor retornar.

— Oi, mãe, o que foi? — perguntei assim que ela atendeu.

— Yuri, é a Valéria! — a voz da minha prima respondeu. — Tô com a tia Flor no hospital.

— Hospital? O que aconteceu?

— É o seu pai... Ele sofreu um acidente de carro.

As palavras dela quase fizeram meu coração parar.

Não lembro exatamente como ela explicou o resto; tudo se tornou um borrão por conta do pânico. A única coisa que ficou gravada foi que meu pai tinha dormido ao volante e batido em uma árvore.

Por sorte, ele não se feriu gravemente, mas iria precisar passar uns dias em observação.

Tentei pegar um ônibus para Içugimirê naquela mesma noite, mas não tinha nenhum.

Na manhã seguinte, minha mãe ligou e me convenceu a não ir. Disse que meu pai estava bem e que provavelmente receberia alta no dia seguinte. Ela insistiu que não havia necessidade de eu correr para lá — que eu deveria ficar e terminar as aulas de música que já tinha pago.

Era uma ótima notícia, com certeza. Mas, depois daquilo, tudo mudou.

Pelo resto das férias, passei cada segundo acordado me preocupando com eles. Sufocando eles com perguntas sobre saúde, e me culpando por cada detalhe.

Se eu tivesse voltado para ajudar na temporada, nada disso teria acontecido. Mas eu estava tão focado em mim mesmo que só segui o que eles disseram e fiquei fazendo o que eu queria.

É claro que eles me diriam para aproveitar as férias. Que pais não diriam? Mas, no fim, a escolha foi minha. Eu sabia que eles precisavam de ajuda. E, ainda assim, deixei que se exaurissem ao ponto de meu pai quase perder a vida.

A culpa era minha.

Naquele ponto, eu não podia simplesmente largar tudo e mudar minha vida num capricho. Se fizesse isso, todos os sacrifícios que eles fizeram por mim teriam sido em vão.

Foi quando decidi estabelecer um prazo final. Ao mesmo tempo, praticamente forcei meus pais a aceitarem tirar férias eles mesmos no fim do ano.

Prometi que estaria lá nas férias de verão para cuidar de tudo enquanto eles viajassem. E fiz uma promessa a mim mesmo: se, até o fim deste ano letivo, eu não conseguisse alcançar pelo menos um dos sonhos que vinha perseguindo, eu iria desistir de todos eles.

Eu pararia e focaria apenas em ajudar meus pais.

— E foi exatamente isso o que aconteceu — disse Yuri para Ana, enquanto terminavam de dobrar os últimos lençóis limpos.

Já eram oito da noite. Enquanto esperavam a secadora terminar, Ana aproveitou para tomar um banho. Ela tinha acabado de sair, e fez questão de agradecer Yuri novamente pelo presente que já havia aberto. Ela o usava agora — um colar delicado com um pequeno pingente de flor prateada que brilhava contra sua pele.

Ana estava sentada no balcão, entregando os lençóis e toalhas dobrada para Yuri guardar enquanto colocavam o papo em dia. Eventualmente, Yuri se sentiu confortável o suficiente para se abrir; era óbvio que ela percebia que ele estava perdido em seus próprios pensamentos.

— Entendi... — Ana refletiu em voz baixa após ouvir a história. — Então foi isso que aconteceu?

Ela entregou outro lençol dobrado, e ele o colocou exatamente onde ela havia mostrado.

— É. Meio idiota, né? — ele perguntou, a voz sumindo num tom tímido.

— Não. Eu entendo o seu lado — a voz dela soou surpreendentemente suave.

— Sério? — Yuri piscou, pego de surpresa pela falta de julgamento dela.

— É. Quer dizer... é um pouco idiota, sim — ela provocou, mas sua expressão continuou gentil. — Mas eu era do mesmo jeito. Quando eu ainda estava doente, sempre achava que correr atrás de um sonho só ia fazer meus pais sentirem pena de mim. Além de me fazer sentir como um peso pra eles.

Yuri empilhou as últimas toalhas, ouvindo atentamente enquanto Ana continuava.

— Só para descobrir, depois da cirurgia, que eu era a única que pensava assim — disse Ana, apontando primeiro para sua cicatriz e depois para Yuri. — Aposto que é o mesmo com seus pais. Eles com certeza não te culpam por nada disso.

— Talvez... — Yuri respondeu, o olhar perdido na parede, a voz carregada de dúvida. — Mas isso não muda muita coisa.

Ana estudou o rosto dele, sua curiosidade aguçada.

— Porque *eu* me culpo.

Ele ficou perdido em pensamentos por um momento após dizer aquilo em voz alta — se por vergonha ou pela tristeza persistente, ele não tinha certeza. O silêncio durou até Ana dar um cutucão, trazendo ele de volta à realidade.

— Credo! Relaxa um pouco! — Ela riu, dissipando instantaneamente a tensão pesada. — Quem disse que as coisas precisam mudar?

Mais uma vez, Yuri foi pego de surpresa pela reação dela. Ana pulou do balcão.

— Eles confiaram em você o suficiente para te deixar cuidando de todo o resort, não confiaram? — ela perguntou. Não esperou que ele respondesse antes de continuar. — E isso foi depois do acidente. Então, se eles confiam em você agora, o que te faz pensar que não confiavam antes?

Nos últimos meses, Yuri vinha se tornando mais rígido consigo mesmo, se preparando para não questionar sua decisão quando o prazo finalmente chegasse. Instintivamente, ele deu de ombros em uma tentativa falha de desviar da pergunta.

— O que eu estou dizendo é que, talvez, você não precise mudar nada para atender às expectativas deles — ela disse, passando por ele. Ela parou diante do armário de roupas de cama e deu uma batidinha suave na porta que ele havia acabado de fechar. — E, ainda assim, ajudar eles.

Ainda tentando descartar mentalmente as palavras dela, Yuri ainda tentou se justificar.

— É diferente. Foi só o que eu prometi pra eles.

Ana pensou por um segundo antes de um sorriso se espalhar por seu rosto.

— Vamos fazer outra promessa, então. — Ela levantou o punho fechado, com o dedo mindinho estendido para ele. — Já que nós dois sabemos que você não vai quebrar ela. Né?

Yuri soltou uma risada surpresa, espantado com aquele comportamento infantil, mas intrigado mesmo assim.

— Que promessa? — ele perguntou.

— Vai logo. — Ela balançou o mindinho, chamando Yuri. — Não confia em mim?

Divertido com a provocação amigável, ele entrelaçou seu mindinho ao dela, soltando um pequeno suspiro de rendição.

— Assim está melhor. — O sorriso dela aumentou ainda mais. — Agora, você não pode quebrar essa também, ok?

— Tá bom. Então, o que é? — perguntou ele, cativado pelo brilho dela.

— Você promete ser menos teimoso de agora em diante. — Ela olhou diretamente nos olhos de Yuri, apertando o mindinho ainda mais contra o dele.

Yuri a encarou de volta, cerrando os olhos e fingindo estar ofendido por um momento. Mesmo que tentasse, ele não conseguia simplesmente ignorar como mágica tudo o que ela disse. E o mais importante: ele lembrou do botão de lírio que ela lhe deu — um pedaço do próprio sonho dela — e pediu que ele cuidasse.

Ana não o interrogou uma única vez desde que se reencontraram. Em vez disso, ela apenas ouviu o que ele quis compartilhar. Mesmo assim, ofereceu conforto quando percebeu que algo estava errado, esperando até que ele estivesse pronto para se abrir por conta própria.

Yuri não pôde deixar de comparar os dois momentos. Assim como na primeira vez, no fundo, ele percebeu que aquilo era algo que ele queria aceitar. Mas, ao contrário de antes, o desconforto persistente que sentia pareceu se dissipar.

— Tudo bem, então. — Uma risada gentil escapou dele. — Eu prometo que vou tentar.

Ambos sorriram, balançando os mindinhos entrelaçados como um aperto de mão formal. Depois disso, fecharam a lavanderia e caminharam juntos em direção ao estacionamento, onde a scooter dela estava parada.

— E quanto à sua crush? Você vai ficar bem? — ela perguntou, a voz ainda carregada com aquele tom provocador.

— Acho que sim. Quer dizer... ela sabe como eu me sinto sobre essa coisa toda do resort.

Ana o cutucou com o cotovelo.

— Então você não nega o crush, hein? — Ela deu uma risadinha. — E ela sabe como você se sente em relação a ela também?

Yuri olhou para ela de canto, percebendo que era inútil continuar escondendo agora.

— É, tá bom, eu tinha um crush nela! Tá? E não, ela não sabia — admitiu ele com um suspiro pesado.

— Que? Por que não? — perguntou ela, soando genuinamente decepcionada.

— Eu não sei... tipo... eu só não sei, sabe? — ele gaguejou, incapaz de encontrar uma resposta clara.

— O quê? Não! Eu não sei. Você pelo menos contou para ela? — ela exclamou, o tom cheio de indignação.

— Não... — Ele entregou a mochila para Ana assim que chegaram à scooter. — Além do mais, já superei isso. Somos só bons amigos agora.

Ana pegou a mochila e a colocou nas costas.

— Não sei não, amigão. Talvez ela tenha um crush em você. — Ela ajeitou o cabelo e subiu na scooter. — Ela te chamou para sair com ela, não chamou?

— Sim. Mas como amigos! — ele explicou. — Se eu te chamasse para sair, isso ia significar que eu tenho um crush em você?

— E você tem? — Ana perguntou, uma expressão sarcástica dançando em seu rosto.

— Não, Ana! Esse é justamente o ponto! — ele explodiu, o rosto ficando vermelho como um tomate.

Ana deu risada enquanto manobrava a scooter, preparando-se para partir.

— Se você diz... — Ela pausou por um momento antes de sair do resort. — Só tô dizendo que, embora eu saiba o que você está tentando fazer, nem tudo precisa ficar no passado.

Ela mandou alguns beijinhos no ar para ele enquanto a scooter começava a rodar em direção à saída.

— Tchauzinho! Obrigada pela ajuda. Boa noite!

Yuri acenou para ela até que desaparecesse na rodovia. Ele sentou nos degraus na porta de sua casa por um momento, aproveitando a brisa fresca da noite quente de verão antes de entrar.

"Eu deveria explicar para a Emili o que aconteceu", pensou. Parecia a coisa mais sensata a se fazer. Mas, assim que tirou o celular do bolso, uma notificação na tela de bloqueio o pegou de surpresa.

"Emili: Vc tá livre amanhã de manhã? - 20:26"

Mais uma tentativa

1.558 palavras • 7 min de leitura

Era a manhã seguinte. Na noite anterior, Emili tinha perguntado a Yuri se ele estava livre para se encontrarem hoje.

Era segunda-feira e, como o check-in sempre desacelerava depois do fim de semana, Felipe tinha concordado em dar o dia de folga para Yuri em troca de ele trabalhar na sexta. E assim, Yuri finalmente tinha tempo para encontrar Emili na praia do resort.

— Então você realmente estava preso no trabalho — Emili murmurou para si mesma, assentindo devagar enquanto Yuri terminava de explicar o caos da noite passada.

Eles já caminhavam e conversavam há alguns minutos, seguindo a faixa de areia firme perto da linha d'água, antes que o sol subisse alto o suficiente para eles serem torrados vivos.

Emili usava um biquíni amarelo por baixo de uma camisa branca meio desabotoada, um chapéu de palha inclinado na cabeça, chinelos pendurados nas mãos enquanto ela caminha descalça sentindo a areia quente entre os dedos dos pés.

— Foi mal. Eu devia ter mandado pelo menos uma mensagem — Yuri admitiu, sapatos na mão exatamente como ela, caminhando ao lado.

— Tudo bem — Emili sorriu, e uma onda discreta de alívio suavizou sua expressão. — Sinceramente... eu fico aliviada.

Isso chamou a atenção de Yuri.

— Achei que você pudesse estar deprimido, sabe... pensando no acidente o tempo todo — ela continuou, a voz mais suave agora. — Ou se punindo, tentando evitar se divertir.

— Ah. Não, foi realmente só trabalho — Yuri a tranquilizou, oferecendo um sorriso pequeno e tímido.

— Então vamos tentar de novo. — Emili parou de andar e se virou para o encarar diretamente. — Você tem que ajudar sua amiga de novo hoje à noite?

— Hã? Não... acho que não — Yuri parou, pensando um pouco.

— Tenho ensaio no teatro municipal à tarde. Que tal a gente sair depois que eu terminar? — Emili perguntou, com um sorriso luminoso e esperançoso voltando ao rosto dela.

Yuri não esperava que ela fosse tão compreensiva, tão disposta a continuar tentando. A percepção o atingiu como um empurrãozinho sutil.

— Claro — ele respondeu, um sorriso verdadeiro surgindo, reacendendo seus olhos. — Que horas?

"Hah... hah... hah..."

De repente, uma respiração pesada e ofegante veio rápido por trás.

— O... Ai meu Deus... — Era Ana, encharcada de suor, top esportivo branco e short vermelho de corrida, viseira de sol meio torta. Parecia que tinha acabado de correr metade do litoral. — Oi! — ela finalmente conseguiu dizer, ofegante.

Tentou sorrir enquanto estava curvada, mãos apoiadas nos joelhos.

— E aí, Ana. Treinando pra triatlo agora? — Yuri provocou, com um sorrisinho.

— Só cuidando da mercadoria nova! — Ana piscou, apontando o polegar para a cicatriz fresca no peito.

Emili deu uma olhada rápida e aguda em Ana antes de ligar o rosto ao nome.

— Ana? — O rosto de Emili se iluminou na hora. Ela estendeu a mão com um sorriso caloroso. — Oi! O Yuri literalmente estava falando de você agora há pouco.

Ana se endireitou, trocando o sorrisinho provocador por um grande e confiante. Apertou a mão de Emili com firmeza, depois se inclinou para o beijinho rápido na bochecha.

— Ele falou algo bom? Se falou, era mentira — Ana rebateu, mantendo a energia brincalhona. — Você é a Emili, né? Ele me falou de você também.

— Nossa. Acho que dispensa apresentações — Yuri interrompeu, rindo. — Já que vocês duas decidiram que eu sou o maior fofoqueiro do mundo.

Os três caíram na gargalhada juntos.

Ana decidiu que aquela era a brecha perfeita para tocar na ferida.

— Entãooo... o que o casalzinho está aprontando? Só curtindo um tempinho de qualidade na praia? — perguntou, a voz pingando falsa inocência.

Yuri congelou na hora. Os olhos dele se arregalaram em puro pânico.

"Que porra essa, Ana?!", Ele gritou em pensamento.

— Eu só chamei ele pra conversar um pouco. Achei que ele precisava de uma pausa da recepção — Emili respondeu com naturalidade, soltando uma risadinha leve.

"Graças a Deus ela não se ligou", Yuri suspirou internamente.

— Tenho certeza que ele precisava mesmo — Ana concordou, e então o smartwatch dela apitou. — Ops, um segundo. — Ela olhou a tela. — Ah, é minha mãe. Tenho que ir!

Ela puxou Emili para um abraço rápido, o que a pegou um pouco desprevenida.

— Foi muito legal te conhecer, Emili! A gente se vê por aí! — Ana disse animada.

— Aproveita bem a segunda de folga~ ? — cantarolou para Yuri com um último tom provocador, já virando em direção à trilha de volta ao resort.

Yuri ficou olhando, balançando a cabeça, ainda levemente traumatizado.

— Ela é... energética, né? — Emili comentou, se virando novamente para ele com um sorrisinho divertido.

— É. Essa é a Ana — Yuri respondeu, o calor ainda presente na expressão enquanto encarava Emili de novo. — Então... hoje à noite?

— Isso. O ensaio termina às seis. Que tal a gente se encontrar na praça da cidade por volta das seis e meia? — Emili sugeriu, o entusiasmo voltando a sua voz.

— Perfeito. Seis e meia então — Yuri confirmou.

Eles passam mais um tempo sentados na areia, conversando enquanto o sol subia mais alto. Depois seguiram pela trilha sombreada de volta e, após uma caminhada curta, chegaram à pequena ponte que atravessava o rio até o hostel e os bangalôs.

Emili parou ali.

— Te vejo hoje à noite — disse, ajustando o chapéu de palha com um sorrisinho.

Eles trocaram um abraço rápido. Depois Emili seguiu em direção à fileira de bangalôs escondidos entre as árvores.

Yuri ficou olhando ela ir por um momento antes de seguir para a recepção. Deu uma checada rápida com Felipe, confirmou que estava tudo sob controle e, de lá, caminhou a distância curta até a casa dos pais.

O resto do dia passou rápido. Ele trocou de roupa, regou o botão de lírio que Ana tinha dado, arrumou um pouco a casa e desabou para uma soneca muito necessária, já que não tinha dormido direito nas duas noites passadas.

A tarde foi calma, mas cheia de expectativa. Ele ficava olhando o relógio, determinado a não se atrasar.

Por volta das cinco se arrumou: banho, camiseta branca nova, jeans leve. Simples e confortável.

Checou o celular uma última vez. 17:45. Tempo de sobra para caminhar até a praça sem pressa.

Vinte minutos depois, Emili tinha acabado de sair do ensaio. Estava passeando no meio da multidão de turistas perto das barracas da feira quando ouviu o nome.

"Emili!"

Yuri acenou perto da fonte central.

O rosto dela se iluminou na hora. Ela se enfiou entre as pessoas até chegar nele.

— Oi! — disse, radiante. — Ta esperando há muito tempo?

— Nada, cheguei agorinha — Yuri respondeu, dando um abraço rápido.

— Ainda bem. Eu ainda mal sei me achar por aqui — ela riu, olhando feliz ao redor da praça.

— Sorte sua que tem o especialista local — Yuri disse com um aceno brincalhão.

— Perfeito! Puxa o carro, especialista. E por favor, pra algum lugar que tenha comida. Tô morrendo de fome!

Enquanto começavam a andar, Yuri apontou para o palco temporário montado na praça.

— Como foi o ensaio? Tudo encaminhado pro grande dia?

Emili soltou um suspiro pequeno, um lampejo de nervosismo cruzando o rosto.

— Foi bom. Elenco muito bom mesmo. Mas... ainda tô meio nervosa. Primeiro papel grande fora do teatro universitário, sabe?

— Vai dar tudo certo. — Yuri disse com sinceridade. — Todo mundo só elogia o quanto você foi bem nas peças do campus.

Isso o lembrou de algo.

— A propósito... você veio sozinha? Ainda não vi seus pais no resort.

— É, só eu. Eles ainda estão na Inglaterra trabalhando — Emili balançou a cabeça levemente.

— Não vão conseguir voltar a tempo? — Yuri perguntou com cuidado.

— Não. Provavelmente só em fevereiro — ela respondeu, tranquila.

Yuri já estava acostumado. Os pais de Emili viviam sendo mandados para fora pela agência de marketing.

— Mas você vai estar lá, né? — Emili perguntou, a voz suavizando, os olhos cheios de esperança. — Saber que você tá assistindo ia me ajudar muito.

— Claro — Yuri respondeu na hora. — Não perderia por nada.

A expressão dela se iluminou inteira com isso.

Eles acabaram encontrando uma lanchonete pequena, escondido numa ruazinha. Lotado de gente, mas a mesinha no canto deles parecia bastante reservada.

Pegaram os cardápios plastificados e começaram a olhar.

— Falando em pais, tenho que elogiar os seus — Emili disse, largando o cardápio. — O resort é incrível. Tô adorando, mesmo com todas as horas de ensaio.

Yuri sorriu, satisfeito.

— Valeu. Vou passar o recado — disse, tomando um gole d'água. — Você devia experimentar algumas das atividades quando não estiver ensaiando.

— Esse é o plano — Emili sorriu, os olhos brilhando. — Me inscrevi no passeio de canoa amanhã de manhã.

Yuri riu, pego de surpresa.

— Sério? Legal. Vai ser divertido de assistir.

— Assistir? — Emili se inclinou para frente, curiosa. — Por quê?

— Porque amanhã de manhã eu vou ajudar o Digão nos passeios de canoa— Yuri respondeu, com um sorrisinho.

O sorriso de Emili ficou ainda mais animado.

— Então... parece que eu finalmente vou conseguir passar um tempo de verdade de férias com meu melhor amigo, afinal.

O sexto sentido

1.725 palavras • 7 min de leitura

O sol já estava alto refletindo sobre a água, onde pequenas canoas já balançavam amarradas a um píer de madeira.

Um cara alto e bronzeado, cheio de tatuagens e com o cabelo bagunçado acenava, chamando a atenção dos alunos do dia.

Era Rodrigo, mas todos ali só o chamavam de Digão.

Enquanto o Felipe era o braço direito dos pais do Yuri, na ausência deles, ele era o braço direito do Digão, que era mais velho que os dois e já trabalhava no resort a muito mais tempo.

— Bom dia, pessoal!

Ele olhou ao redor. Seis hóspedes já estavam reunidos, todos com coletes salva-vidas e ansiosos pela aula.

— Certo. Quem fez as aulas ontem comigo, já podem escolher suas canoas e seguirem, com cuidado, hein?

Três dos seis hóspedes assentiram, já se dirigindo para as canoas mais próximas.

— E para vocês, que estão começando hoje...

Digão gesticulou para os três novatos, depois acenou para dois jovens que esperavam ao lado.

— Vamos ter aulas acompanhadas, um instrutor por canoa, pra vocês pegarem o jeito primeiro.

Ao lado de Digão, Yuri sorria e acenava para os recém-chegados. Com uma camisa azul-claro dele criava um forte contraste com o colete salva-vidas laranja. Mesmo que ele ajudasse em todos os setores do resort, participar das atividades era, com certeza, uma de suas preferidas.

— Pra começar: temos o Yuri... — Digão apresentou, gesticulando para ele.

Yuri sorriu e levantou a mão.

— E esse aqui é o Rafael — Digão continuou. Rafael, um garoto magro de cabelos loiros, acenou de forma tímida, mas amigável.

— E, por último, o melhor instrutor... Eu! — Digão disse com um sorriso enquanto apontou pra si mesmo.

O grupo riu.

— Agora, vocês preferem escolher os instrutores, ou tanto faz pra vocês? — Digão perguntou aos três novos alunos.

Os hóspedes trocam olhares, educadamente se perguntando sobre suas preferências. O casal afirma não se importar, e assim Emili opta por ir com Yuri, e o casal se separa, com a mulher acompanhando Digão, e o homem, Rafael.

— Fechou, então, instrutores. Peguem suas canoas e levem seus alunos. E lembrem-se: segurança em primeiro lugar! — Digão apitou, já entrando na própria canoa com seu aluno.

Rafael seguiu logo atrás.

Yuri pegou o remo e caminhou com Emili em direção à canoa.

— Tá se sentindo melhor? — Yuri questionou, olhando para ela.

— Sim. O enjoo passou e já tomei um remédio para a dor de cabeça — ela confirmou, exibindo um sorriso radiante.

— Eu te avisei que aquelas cervejas todas não iam cair bem — Yuri brincou enquanto ajudava Emili a se acomodar na canoa, se sentando logo em seguida, de frente para ela.

Com os outros alunos, eles se afastaram da margem, deslizando em direção ao centro do lago.

— Ok, eu vou remar no início para te mostrar como se faz. Depois, você assume — explicou Yuri.

Ele começou a manejar o remo com movimentos firmes enquanto Emili observava tudo com atenção.

— Uau, eu não fazia ideia de que você sabia remar. Provavelmente porque não tinha como praticar lá no campus, né? — Ela riu da própria conclusão.

— Até agora, não. Mas, do jeito que aquela cidade alaga toda vez que chove, em breve eu posso até virar Uber de canoa.

Os dois riram da imagem mental.

— Foi o Rodrigo que te ensinou? — Emili continuou a questionar.

— Ah, não. Foi meu pai — ele respondeu. — Era ele quem fazia os passeios antes do Digão começar a trabalhar aqui.

— Pensei que fosse. Ele parece saber o que está fazendo — disse Emili, enquanto ela e Yuri observavam Digão dar instruções detalhadas a uma aluna.

— Ué, e eu não pareço? — Yuri rebateu em tom de brincadeira, arqueando uma sobrancelha.

Emili soltou uma gargalhada com a pergunta.

— Você também! Mas ele tem mais aquela aura de veterano. — ela se justificou. — E aquele outro, o Rafael? Ele trabalha aqui desde quando?

— Na verdade, ele não trabalha aqui — ele respondeu, estabilizando a canoa. — Pelo que entendi, ele começou como ajudante na escola de surfe do Digão, e ele o trouxe para ajudar aqui hoje também.

— Ah... isso explica.

Ouvindo aquilo, Yuri a encarou com um olhar curioso.

— Explica o quê? — Ele a questiona.

— O meu pressentimento ruim — ela responde, usando um tom que Yuri já conhecia muito bem.

Yuri deixou escapar uma risada sincera.

— Puts... o coitado caiu no sexto-sentido? — ele provocou.

— Fazer gracinha é fácil. Difícil é você apontar uma única vez em que eu estive errada, né? — Emili vangloriou-se, com um sorriso convencido.

Ela tinha razão. Desde que Yuri a conhecia, todas às vezes que ela tinha um pressentimento ruim sobre alguém, o tempo acabava provando que ela estava certa.

— Mas por que o Rafael? Você nem conhece o cara... pô, nem eu conheço o cara! — Yuri a questionou novamente enquanto passava o remo para ela.

— Não preciso conhecer! É um "pré"sentimento, não um "pós"sentimento — ela retrucou.

— Sei... ou talvez seja só "pré"conceito mesmo. Sua chata! — Yuri a acusou, em tom de brincadeira.

Depois disso, Yuri passou as instruções de remada para Emili, explicando o passo a passo da técnica. Após darem mais algumas voltas pelo lago, ela assumiu o ritmo e começou a remar a canoa de volta para a margem.

— É isso. Já pegou o jeito — Yuri elogia Emili enquanto ela rema.

— Ugh... Você não pode remar na volta, não? Meus braços já estão doendo! — Emili reclama, ofegante.

— Posso, não. — Yuri responde, rindo dela. — Preciso ter certeza de que você consegue levar a canoa de volta pra margem sozinha.

Emili mostra a língua, fazendo careta, enquanto continua remando, com um mau-humor claramente fingido.

— Aff, achei que você não fosse levar essa de instrutor tão a sério — ela diz, bufando. — Deve ser só porque eu chamei o Rodrigo de veterano!

— Isso que dá ser preconceituosa — Yuri retruca com um sorriso orgulhoso. — Eu cresci aqui, lembra? Quando o Digão veio trabalhar aqui, eu já remava fazia três anos.

Emili só faz uma careta de lamento, sem fôlego nem argumento pra rebater.

— Então você vai voltar pra assumir como instrutor? — ela pergunta, já se aproximando da margem.

— Ah, não... — a resposta de Yuri começa confiante, mas vai perdendo força no final.

— Não? Pensei que fosse — ela comenta, surpresa. — Lembro de você ter falado algo sobre voltar pra cá depois da faculdade.

Ela não sabia da lista de sonhos que Yuri tinha abandonado. As conversas recentes com Ana haviam feito o próprio Yuri quase se esquecer disso.

Tudo o que Emili sabia era que ele se culpava pelo acidente do pai e que estava decidido a ajudar no resort para que algo assim nunca mais acontecesse. Mas ele nunca tinha contado o motivo mais profundo nem as condições por trás daquilo.

— E o que você vai fazer quando se formar? — Emili questiona, de forma bem inocente.

A resposta anterior de Yuri ainda ecoa na cabeça dele.

"Não? Eu não vou voltar?", ele se pergunta internamente. Afinal, aquela era a promessa que ele tinha feito a si mesmo.

Mas ele não precisa pensar muito para entender o que mudou. Foi o reencontro com Ana que colocou bateria nele para motivar essa resposta, mesmo que hesitante.

— Yuri? — Emili percebe o breve silêncio de Yuri.

— Hum? Ah... — Yuri volta ao presente. — Sei lá. Não decidi ainda. — Ele responde, dando de ombros e forçando um sorriso.

Mas, assim como o sorriso, sua resposta não foi de todo falsa.

Já na margem do lago, Yuri e Emili foram os últimos a chegar. Enquanto ele a ajuda a descer da canoa, Digão e Rafael passam caminhando por eles.

— "Não tem dessa. Se o cara não conseguiu entender, foi porque você não conseguiu explicar." Tanto Yuri quanto Emili ouvem Digão falando em um tom sério para Rafael.

Provavelmente, Rafael teve problemas tentando instruir o aluno. Percebendo isso, surpreso, Yuri olha imediatamente para Emili.

— Eu avisei. — Emili dá de ombros, se vangloriando novamente por sua intuição certa.

Depois do passeio, Emili precisava voltar para o bangalô. Ela planejava revisar o roteiro da peça mais uma vez antes de seguir para o ensaio da tarde.

— Valeu pela aula professor. Boa sorte com o trabalho — Emili brincou enquanto já caminhava se afastando.

— Até mais. Boa sorte no ensaio.

Yuri acenou em despedida e seguiu na direção oposta, rumo à recepção depois de ter certeza que Digão não precisava mais dele por ali. Embora não estivesse de turno naquele dia, ainda precisava resolver algumas pendências na cidade: buscar o carro de serviço que estava na revisão e fazer compras para o estoque de bebidas do resort.

Ele caminhou por alguns minutos desde a saída do resort até a via de pedestres da ponte que ligava a área turística ao núcleo da cidade.

Com as mãos nos bolsos da bermuda, música tocando nos fones de ouvido e o cabelo balançando com a brisa marinha, Yuri olhava para o mar enquanto andava, observando o reflexo das enormes nuvens brancas no céu.

"Eu não quero voltar pro resort depois da faculdade..." — pensou. Já não era tão difícil admitir isso para si mesmo, depois das últimas conversas com Ana.

"...Mas eu não consigo voltar pros sonhos antigos."

O estômago embrulhou só de pensar nisso.

Uma lufada de vento mais forte ressecou seus olhos por um instante.

"Aquele dia, no jardim, a Ana me disse pra ter novos sonhos. E, sendo menos teimoso, admito que isso mexeu comigo de alguma forma" — ele levou uma das mãos ao rosto para se proteger do vento. — "Mas, depois de remoer os mesmos sonhos por tantos anos..."

Yuri soltou um suspiro profundo.

"Como eu posso explicar pra Ana que, mesmo antes de desistir, eu já não sabia como ter sonhos novos?"

Primeiro passo

1.830 palavras • 8 min de leitura

Após resolver todas as pendências na vida e pegar o carro de serviço, Yuri dirige de volta para o resort. Depois de estacionar, Yuri vai até a recepção para pegar a chave da dispensa do restaurante antes de seguir até lá, mas antes de entrar, ele vê Digão e Felipe conversando, sentados à sombra das árvores que cobrem as mesas de piquenique. Sem nenhum cliente na recepção, ele caminha até eles.

— Cês tão de férias também? — Yuri brinca, se juntando à conversa.

— Ó aí, Felipe. O patrão chegou, viu. Acabou a paz! — Digão rebate, rindo.

— Já deu uma acalmada na correria? — Yuri pergunta, se sentando no banco ao lado deles.

— Ainda bem. Mas provavelmente vai ter um pico de novo depois do Natal. — Rafael responde, e continua. — E lá na cidade? Muito movimento?

— Pra caramba. Acho que é por isso que o resort tá tão vazio agora à tarde. — Yuri especula, olhando a calmaria ao redor. — Quem não tá na praia tá lá no centro da cidade fazendo compras pra amanhã.

— Vixe. Amanhã já é véspera de Natal, é? — Digão estala os dedos ao se lembrar.

— Sim. Já tô pensando na ceia há mais de uma semana. — Felipe comenta.

Digão pega o seu celular e começa a deslizar a tela, verificando algo.

— Aliás, já que você tá sozinho, bora passar o Natal lá na casa dos meus pais? — Felipe o convida em um tom genuíno.

— Valeu, mas amanhã vou lá na praça assistir à peça de teatro, e depois, acho que volto direto pra casa mesmo. — Yuri explica, agradecendo o convite.

— Verdade, aquela sua amiga vai se apresentar lá, né! Emili? — Felipe questiona.

Yuri confirma com um aceno e Felipe retribui com um toque amigável em seu ombro enquanto se levanta.

— Bom, se mudar de ideia, o convite segue valendo, hein?! — Felipe reafirma, e então, começa a caminhar em direção à recepção. — Diz pra sua amiga que desejei boa sorte na peça.

Com mais um aceno, Yuri agradece novamente o convite, mas antes de Felipe se afastar muito, Yuri se lembra do porquê de ter parado na recepção.

— Ah, peraí. Você ta com a chave da dispensa lá do restaurante? — Yuri questiona — Tenho que levar umas compras pra lá.

— Hum? Fica aqui na recepção, no meu lugar, então. — Felipe propõe. — Eu preciso ir com o carro trocar as lixeiras dos bangalôs. Posso deixar as compras na despensa antes.

— Tem certeza? — Yuri questiona, não querendo dar mais trabalho a Felipe.

— Tranquilo. — Felipe confirma, estendendo a mão pra receber a chave do carro.

Yuri lança as chaves para Felipe, que segue pelo corredor em direção ao estacionamento.

Como não tinha nada pra ser feito na recepção, Yuri se senta com Digão, que continua focado em seu celular.

— Ué, Digão. O que você tanto procura aí nesse celular? — Yuri interroga Digão, curioso com o foco repentino.

— Tsc... Eu tinha esquecido que era véspera de Natal amanhã, véi. — Digão responde, ainda focado no celular.

— Esse aí só não esquece a cabeça porque tá grudada no pescoço. — Uma voz vem de trás de Yuri, do mesmo corredor onde Felipe acabou de sair.

Yuri se vira e vê uma mulher com cabelos castanhos trançados sobre os ombros. Ela veste um longo vestido preto, estampado com grandes flores vermelhas, curto o suficiente para deixar à mostra seus coturnos pretos. Os braços, cobertos de tatuagens, e os dedos, repletos de anéis, seguram um celular em uma das mãos.

— Val! Oi! — Yuri se levanta para a receber.

É Valéria, prima de Yuri, que ele considera quase uma irmã mais velha. Ela sorri, e o abraça firme e com afeto.

— Há quanto tempo, hein? — Ela diz, arrumando o cabelo após o abraço.

— Pois é. Como você tá? E a Tia, ta bem? — Yuri pergunta, com um sorriso.

— Ta bem, graças a Deus. Ela mandou um beijo e disse pra você ir lá em casa ver ela.

— Oi. — Digão diz com um sorriso sem graça.

— Ai, Rodrigo. Não me dirija a palavra, não, faz favor. — Valeria sinaliza com a mão sem nem olhar pra Digão.

— Eu tava ocupado, nega, mas ainda lembrei a tempo. — Ele se defende.

Valeria apontou para o próprio celular — Lembrou nada. Te lembraram! — Ela o corrigiu.

— É... Desculpa. — Ele diz com uma cara ainda mais sem graça, sem argumentos pra rebater.

— Humf... — Valeria só resmunga e volta o olhar pra Yuri. — A Ana ta por aqui?

— Ela deve estar lá no spa. Precisa falar com ela? — Yuri questiona, já tirando seu celular do bolso para ligar.

— Sim, mas não precisa ligar. Eu vou lá. Ela já sabia que eu vinha.

Valeria confere a hora em seu próprio celular antes de colocá-lo de volta no bolso do vestido.

— Vai lá em casa depois. — Ela dá um beijo no rosto de Yuri, se despedindo. — E você... — Ela aponta para Digão. — Faz favor de não esquecer de novo!

— Sim, senhora. — Digão acena com a cabeça, ainda sem graça, enquanto ela se afasta em direção ao spa.

Quando ela se afasta um pouco mais, Yuri olha para Digão, que começa a rir da própria situação.

— Caraca, o que vocês ainda continuam se estranhando? — Yuri começa a ri, se unindo a ele.

— É que ela tinha me pedido pra confirmar até domingo se ia pra missa com ela antes da ceia na casa de minha vó... Mas eu só me liguei agora quando você e Felipe falaram.

— Só isso? E ela já te escorraçou desse jeito? — Yuri pergunta, surpreso.

— É barril, pivete. Acho que toda mulher fica assim quando o cabra é lerdo, né? — Digão brinca, farpando a sí mesmo.

— Sei lá, hein? Vai ter que perguntar pra algum outro lerdo. — Yuri pirraça Digão, reforçando a farpada.

— Teu cu! — Digão gargalha. — Eu lembro muito bem de a Val te tratar desse jeitinho também quando você era pivete.

— É diferente. Não era por ser uma mulher falando com um cara lerdo. Era uma babá falando com uma criança chata. — Yuri se defende.

— Oxe, nada a ver. E a Ana? Vai falar que ela nunca te deu uma comida de rabo também? — Digão insiste.

— Já, mas também não conta. Diferente da Val e de você, a Ana não é minha namorada, né?

— Skill issue seu, otário. — Digão se levanta do banco rindo com Yuri. — Mais prova de que você é um bicho lerdo da desgraça.

Digão estende a mão pra um aperto de mão firme, se despedindo.

— Deixa eu ir puxando o carro que eu ainda tenho dois alunos no surfe hoje.

— Vai lá. E se a gente não se ver lá na praça amanhã, feliz Natal! — Yuri se despede, se levantando também.

— Porra, pode crer, pivete. Feliz Natal! — Digão volta e dá um abraço rápido em Yuri. — Eu já ia esquecendo de novo! — Ele diz gargalhando.

Depois disso, Digão seguiu para suas aulas de surfe, deixando Yuri na recepção.

O restante do dia de Yuri se arrastou devagar. Com o único movimento sendo alguns hóspedes que passavam pela recepção, voltando da cidade ou indo para lá. E o dia seguinte foi ainda mais monótono.

Hoje—Véspera de Natal—Yuri passou a tarde toda sem nada pra fazer, e sem nenhum compromisso do resort ou check-in agendado, ele encerrou o expediente na recepção mais cedo e foi para casa se arrumar.

Diferente dele, Emili com certeza teve um dia corrido. Tanto que não mandou nenhuma mensagem nesse dia.

"Emili: A peça começa às 19h30 amanhã. Não esquece. – 22:07.

Foi a última mensagem que ela havia mandado para Yuri na noite anterior, enquanto saía com o pessoal do elenco, depois do ensaio.

Yuri confere a hora no celular enquanto relê a mensagem de Emili. Ainda tem tempo de sobra.

Ele joga o celular na cama. Em seguida, a camiseta, o short e a cueca também vão para o chão.

No box, sob o chuveiro, a água gelada faz o calor do dia escorrer pelo ralo junto com o suor.

Lá fora, o silêncio da tarde é quase palpável. Só o vento mexendo nas folhas das árvores e o barulho constante da água batendo no azulejo.

A calma invade o banheiro e o banho se torna mais longo.

Yuri fecha os olhos e relaxa. Pela primeira vez em algum tempo, a cabeça fica livre o suficiente para pensar de verdade.

— A peça de hoje é importante pra Emili. — Ele sussurra para si mesmo.

De certa forma, a noite de hoje resume tudo o que Emili vem falando há três anos: o sonho de atuar, de estar no palco de verdade.

Claro que é importante. Mas até que ponto? Não é a realização completa do sonho — afinal, é só a primeira grande peça.

Então... o que conta como sonho realizado?

Quando o nome aparecer nos créditos de um filme? Quando encher a plateia Ganhar um prêmio? Ou simplesmente acordar todo dia feliz, satisfeito com o que está fazendo?

Ainda de olhos fechados, ele imagina Ana. Cercada de prateleiras cheias de flores de todas as cores, usando um uniforme laranja-claro, atendendo clientes na floricultura dela.

"Será que isso seria o sonho dela realizado?" — pensa consigo mesmo.

A imaginação muda. Agora é Emili, em um palco, caracterizada, interpretando um papel importante num teatro chique.

"E o dela?"

Ele fica ali, pensando mais um pouco sobre quando, de fato, um sonho se realiza.

Aos poucos, a dúvida muda de forma. De "quando um sonho se realiza?" para "Quantos passos ainda faltavam pra eu alcançar algum daqueles sonhos?" E "Quanto falta pros sonhos delas se realizarem?".

E, de repente, esse pensamento vira uma conclusão.

Yuri abre os olhos de supetão e sai do box, deixando o chuveiro ligado. Ainda pingando, ele atravessa o quarto, esfregando o cabelo e o corpo com a toalha.

Sem nem se vestir, ele caminha rápido até a mesa, abre o caderno e pega uma caneta. Começa a rabiscar algo.

— Emili, Ana, Val, Digão, Felipe... — murmura, terminando de escrever. — Eles com certeza também têm os sonhos deles.

No topo da folha, em letras maiores, como título:

"Novos sonhos"

Yuri sorri enquanto olha para a lista que acabou de começar.

— Eu ainda não sei exatamente onde isso vai dar, mas com certeza...

Abaixo do título, em letras um pouco menores:

"1. Ajudar a alcançar os seus sonhos.

Ele solta um suspiro satisfeito.

— Esse é um bom primeiro passo.